

A FALTA DE SINAIS PARA AS TERMINOLOGIAS QUÍMICAS EM LIBRAS E OS PRINCIPAIS DESAFIOS NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM DA DISCIPLINA PARA ALUNOS SURDOS

Erliane Maximo Cardozo
Graduada em Licenciatura em Química – Centro Universitário são Camilo-ES
erliane_naninha@hotmail.com

Camila de Souza Macedo
Graduada em Licenciatura em Química - Centro Universitário são Camilo-ES,
macedodesouza2@hotmail.com

Gabriela Paula Paganini
Graduada em Licenciatura em Química – Centro Universitário são Camilo-ES

Cláudia Aparecida Vieira Pinheiro
Mestre em Políticas Sociais - Educação, Política e Cidadania - UENF

Professora do Centro Universitário São Camilo-ES
claudiavieira1999@hotmail.com

Eixo 6. Aprendizagem e Avaliação: Diagnóstico, Planejamento e Gestão do Trabalho Pedagógico – Comunicação Oral

Resumo: Este trabalho intenciona-se a discutir sobre falta de sinais para as terminologias químicas em Libras e os principais desafios no processo ensino-aprendizagem da disciplina para alunos surdos, tendo como objetivo principal identificar como a falta de sinais para terminologias características da ciência química somado ao despreparo do professor regente e a errônea interpretação acerca do papel do intérprete tem sido entraves na aprendizagem de química para alunos surdos. Realizamos o trabalho adotando a pesquisa bibliográfica como embasamento teórico fundamental para as discussões e optamos ainda por realizar uma entrevista semiestruturada, no intuito de realizar a coleta de dados empíricos que serão base para compreensão e diálogo no decorrer de todo o trabalho. Num primeiro momento discorreremos sobre o papel do intérprete educacional de língua de sinais: Desafios e Perspectivas, esclarecendo sua relação com o aluno surdo e seu real papel dentro do âmbito escolar, conseqüentemente discorreremos sobre a inexistência de sinais em libras para terminologias químicas e as dificuldades de transmitir o ensino da disciplina ao aluno surdo. Por fim e durante toda a feitura do trabalho relacionaremos as bibliografias pesquisadas e os resultados vivenciados durante a pesquisa.

Palavras-chave: Terminologias Químicas; o Surdo; Professor e Interprete.

Introdução

Em toda trajetória histórica em torno das políticas educacionais no Brasil principalmente nas últimas décadas é notório a ênfase que tem se dispensado as discussões e questões ligadas diretamente ao processo ensino-aprendizagem dos alunos no sentido de melhorar a qualidade dos resultados educacionais.

E na tônica de tais discussões, não são esvaziados os diálogos sobre o processo de inclusão e, no caso deste trabalho, a inclusão de pessoas surdas as etapas educacionais. Discussões essas que na maioria das vezes revelam os desafios enfrentados pelos alunos surdos, tanto na comunicação, quanto na essência do fazer pedagógico nas salas de aulas regulares, quer seja em relação à desqualificação profissional, falta de recursos didáticos, falta de estratégias didáticas eficazes, quer seja pela falta de sinais/terminologias para algumas palavras em uma ou outra disciplina.

Partindo da premissa de que para Zimmermann, (1993) apud Salesse, (2012, p.15) “a Química é uma ciência fatural e natural, pois o seu sistema de conhecimento é construído a partir de fatos e os fatos que ela lida são os da natureza”. Ela estuda a matéria, suas transformações e as variações de energia envolvida.

Na área de educação em química, não diferente de outras áreas a interação entre professor e aluno, neste caso, aluno surdo, tendem a facilitar a aquisição de conhecimento do mesmo. Assim, o grande desafio do professor está em criar estratégias, métodos que facilitem a compreensão, estimule a participação, propicie a aprendizagem do ensino da química aos alunos e, no caso dos alunos surdos esse desafio é ainda maior.

Os alunos surdos são incluídos nas escolas, em salas regulares com alunos ouvintes e tanto professores quanto alunos se deparam com inúmeras dificuldades para se comunicarem. Com propósito de auxiliar nesse processo e minimizar as dificuldades no diálogo, encontramos a pessoa do intérprete que acompanha o aluno em sala e traduz a fala em libras para o aluno surdo e vice-versa.

O intérprete utiliza a Língua de Sinais, Libras, que é uma modalidade gestual e visual, em que se utiliza de movimentos gestuais e expressões para comunicação com surdos e é reconhecida como primeira língua das pessoas surdas. Mas, logo, novos desafios vão surgindo, como o intérprete faz quando ele tem de traduzir uma palavra que não tem sinal? Num primeiro momento, o intérprete substitui por outras palavras que podem ter o mesmo significado e quando não encontra, de forma imediata, ele usa datilologia que é a transcrição de letra por letra desta palavra.

Este trabalho pretende dialogar sobre a inexistência de sinais em libras para terminologias específicas de química e até que ponto a falta de sinais que não podem ser substituídos por outras palavras, tem dificultado o processo ensino-aprendizagem do surdo na disciplina.

Partimos nosso diálogo da hipótese de que a falta de sinais para etimologias específicas da ciência química, em libras, torna incompleta a comunicação entre aluno surdo, intérprete e professor e conseqüentemente dificulta o processo ensino-aprendizagem do aluno surdo e também de que a falta de sinais em libras não é o único fator responsável pela inviabilidade no ensino de química, pois, mesmo com sinais o intérprete, não é capaz de trazer conhecimento para este aluno sem o preparo e a ajuda do professor.

Temos como objetivo principal identificar como a falta de sinais para terminologias características da ciência química, somado ao despreparo do professor regente e intérprete, tem sido entraves na aprendizagem de química para alunos surdos.

Vamos dialogar também sobre o papel do intérprete. Esse profissional é quem acompanha diretamente e diariamente o aluno surdo em sala, tendo assim um contato maior com ele.

Dialogaremos sobre a especificidade das terminologias científicas de química e a inexistência de sinais específicos, bem como as dificuldades de transmiti-las ao

aluno surdo. Por fim, apontaremos resultados da pesquisa realizada com alunos surdos e seus intérpretes e professores de química.

Para embasar o trabalho nos pautamos na abordagem descritiva, visando o aprofundamento do tema. Além disso, pretende-se evidenciar as realidades que se delineiam nos cotidianos escolares, principalmente em relação ao ensino de química. Realizaremos entrevistas com professores de química, intérpretes e alunos surdos que frequentam o ensino médio no município de Cachoeiro de Itapemirim. Realizamos junto a Superintendência Regional de Cachoeiro de Itapemirim um levantamento acerca do número de alunos matriculados na rede, quantos estão no ensino médio e quais são as escolas que frequentam. Há registros de 27 alunos surdos matriculados na rede Estadual de Cachoeiro de Itapemirim, destes 13 alunos estão matriculados no ensino médio, dividido em cinco escolas, sendo que 05 dos 13 estão matriculados e frequentam o CEEJA, porém, ainda não fazem o módulo de química. Assim realizamos as entrevistas considerando os 08 alunos matriculados no Ensino médio e que fazem a disciplina de química, realizamos a entrevista com 05 alunos. Foram entrevistados ainda os 05 professores de química que lecionam para esses alunos e 06 intérpretes.

O papel do intérprete educacional de língua de sinais: desafios e perspectivas

Com propósito de amenizar o abismo nas relações dos alunos surdos nas salas de aula, a Resolução CNE/CEB nº.2, de 11 de setembro de 2000, alerta para a necessidade de atender os alunos que apresentam dificuldades na comunicação e sugere a participação de intérpretes educacionais, porém, somente com a oficialização da lei 10.436/2002, que torna a língua brasileira de sinais reconhecida como a língua de acesso das pessoas surdas e com isso amplia-se o mercado de trabalho para o profissional intérprete que ganham mais um ambiente para trabalharem, o escolar.

A chegada do intérprete dentro da sala de aula não é algo simples e nem sempre bem aceita por outros professores, sentindo-se desconfortáveis com a presença destes em suas aulas, há os que os tem como um desconhecido que está sendo

inserido no espaço escolar. O profissional intérprete é quem está em contato direto com o aluno em sala, logo, é comum essa tensão inicial de ao mesmo tempo em que o intérprete é bem-vindo por favorecer a interlocução, por outro lado há um desconforto e desconfiança de seus propósitos e de qual lugar ele deve ocupar na sala e na escola.

A esse respeito, durante as entrevistas, questionamos aos interpretes sobre como veem, ou se sentem em relação à presença em sala de aula, sobre como notam as reações dos professores e a intérprete 01¹ disse “no início, porque eu já estou aqui há dois anos, no início eles ficavam um pouco com vergonha ou ah! Vai fiscalizar o meu trabalho... hoje em dia não, eles... é como se eu não estivesse na sala”.

Todos os intérpretes quando questionados relatam no início da convivência diária em sala de aula, sentiram que provocam certo desconforto nos professores. Logo, corrobora com a ideia de que este sentimento advém da falta de conhecimento do professor acerca do papel do intérprete em sala. Este incômodo não pode em nenhuma hipótese influenciar na relação entre professor e intérprete, já que, uma relação mal sucedida infere diretamente na relação do próprio aluno surdo com o professor e os colegas de classe. Ainda analisando a fala do Intérprete 01, é observável que o mesmo não causa incômodo, mas, por outro lado fica claro o fato da indiferença em relação a sua presença simplesmente pelo fato, de parecer invisível ao professor, o que nos leva a refletir que se o intérprete é invisível ao professor, ‘seu aluno surdo’ também o é?

De acordo com Lacerda (2000) apud Lodi et.al. (2014, p.124), a confiança mútua entre professor e intérprete é indispensável para o bom andamento do trabalho, mas isso não será algo a realizar-se de forma imediata, a confiança e cumplicidade entre professor e intérprete deve ser algo a ser trabalhado diariamente, com diálogos que esclareçam e delimitem os papéis de cada um, refletindo sobre as práticas que devam ser adotadas de modo a beneficiar o aluno.

¹ Falas obtidas a partir das entrevistas realizadas, tendo sido entrevistados 06 intérpretes.

O professor não pode se incomodar com a presença do intérprete, pois esse incômodo pode gerar situações desfavoráveis ao aluno surdo, entre elas a de ignorar o aluno e atribuir ao intérprete os sucessos e/ou fracassos do mesmo. O professor precisa reconhecer o quão favorável é a presença do intérprete em sala, respeitando e enxergando-o como um auxiliador na aprendizagem do aluno.

Por isso, é fundamental a parceria entre professor e intérprete, pois ao ingressar no espaço educacional, o intérprete passa a fazer parte dele também.

Considerando que o interprete tem um tempo maior com os alunos, é importante que se estabeleça uma parceria, no sentido de compartilharem conhecimentos, dialogarem sobre as dificuldades enfrentadas e quais práticas e métodos podem ser adotados para que a aquisição de conhecimento do aluno surdo. Logo a participação do intérprete até mesmo nos planejamentos de aula é de extrema importância, uma vez que ele pode contribuir com seu conhecimento significativo sobre a surdez e juntamente com a equipe pedagógica desenvolver e oportunizar momentos que favoreçam a aprendizagem do aluno surdo.

O intérprete atua exclusivamente traduzindo as falas ouvidas por ele em português para a língua de sinais em libras para o aluno. Essa é a definição que erroneamente tem-se sobre a função do intérprete. Na verdade, o papel do intérprete vai muito além de interpretar. Em várias situações em sala de aula, as explicações/falas do professor não são suficientes para fazer com que o aluno entenda, aprenda e alcance o que está sendo transmitido ou pedido, nesse contexto, o intérprete passa a agir como educador no processo, possibilitando a compreensão de seu aluno.

É necessário que o intérprete tenha compreendido e tenha conhecimento do que está sendo tratado, para que ele possa escolher como traduzir de modo a tornar os conteúdos realmente acessíveis para o aluno. Segundo Lacerda (2000) apud Lodi et.al. (2014, p.127), “trata-se de um processo educacional que precisa ser revisto e repensado a cada momento para realmente possibilitar a aquisição de conhecimento pela criança surda”, principalmente se considerarmos que, na maioria das vezes as aulas são pensadas para os alunos ouvintes. Assim o intérprete faz o papel de

mediador do conhecimento e faz-se necessário que o intérprete reflita sobre o aluno, seus potenciais de aprendizagens e contribua com o professor, com sugestões de estratégias que possam ser utilizadas para que a compreensão do aluno surdo realmente se efetive.

É indicado aos intérpretes que princípios como a imparcialidade e a neutralidade sejam realidades no seu fazer. No entanto, é preciso discutir os limites destes princípios, considerando que o intérprete cria vínculos com os alunos e tornam-se confidentes dentro do ambiente escolar. Ressaltando que, na maioria das vezes, os alunos surdos são únicos em suas salas, ou seja, não há outra pessoa com quem possam conversar livremente em libras além do intérprete.

É bastante comum, os alunos surdos terem atitudes que visem se comportarem como os ouvintes, por isso, muitos se envergonham da presença de um adulto constantemente ao seu lado.

Tendo os alunos sido questionados sobre a presença de seus intérpretes, revelaram não se incomodarem e que os intérpretes acabam se tornando seus amigos, dada a proximidade e o tempo em que estão juntos. Entretanto, um dos alunos entrevistados, deficiente auditivo e que fala com muita dificuldade, revelou sua insatisfação dizendo *“Eu não gosto de ficar... Eu não gosto de libras... Eu tenho um pouco de vergonha de estar lá. Por isso, olho para ela desconfiado²”*.

Ressalta-se que de todos os alunos apenas o aluno 01 não teve sua fala traduzida pelo seu próprio intérprete, o que não nos coloca a refletir sobre até que ponto suas respostas podem ou não terem sido influenciada pela presença do intérprete. Contudo, o aluno citado não se deixou levar pela presença de sua intérprete e confessou que sente vergonha da presença dela e que quer ser tratado pelo professor como os outros alunos. Mas, a linguagem dele é quase impossível de entender, e nesse sentido se faz necessário a presença da intérprete.

² Fala de um aluno no momento da entrevista. Tendo sido entrevistados 05 alunos.

Cabe ao intérprete ter a sensibilidade para perceber os momentos de auxiliar o aluno na construção de sua identidade surda, levando-o a compreender a sua situação, suas características e conseqüentemente, suas necessidades, entre elas, a sua companhia.

Deve-se ressaltar que entre as inúmeras dificuldades diárias vividas pelos intérpretes, muitos deles trabalham com crianças que não são alfabetizadas em português, ou seja, não sabem ler e escrever, e também, não tem aquisição plena da língua de sinais, ou seja, não sabem Libras. Por isso, é fundamental, que o intérprete não seja o único conhecedor de Libras a trabalhar com este aluno, ele deve ser frequentador de uma escola bilíngue para que ele possa desenvolver a língua de sinais, facilitando o trabalho do intérprete, que não terá de ensinar sinais.

É indiscutível a importância do intérprete no espaço escolar, e que muitas vezes ele atua como um educador. No entanto, somente sua presença não garante a construção do conhecimento desse aluno, já que, em meio a metodologias inadequadas ele pouco pode fazer para favorecer a aprendizagem.

Os professores quando questionados sobre a presença do intérprete disseram não se incomodar e desconhecem colegas que se queixam. Porém, quando perguntado ao Professor 2³ este surpreendentemente salientou *“Eu me incomodo comigo. É... porque às vezes eu me sinto um farsante né. É que a educação é inclusiva e a gente não faz nada de inclusivo, né? É assim, o aluno que se vire.*

Considerando a perspectiva de uma educação inclusiva, que de fato torne o fazer do professor, as ações dos alunos, a equidade e igualdade em relação aos direitos, vemos que em seu fazer muitas vezes o professor se sente impotente, com todas demandas inerentes a sua função. Por outro lado, a inclusão não se efetiva da forma que deveria, principalmente pelo fato do professor julgar necessário que o aluno surdo de adapte e se inclua no ambiente escolar, no entanto é necessário, que todos também se adaptem as necessidades dele e o auxiliem nessa inclusão.

³ Fala do professor no momento da entrevista, tendo sido entrevistado 05 professores.

Uma das perguntas da entrevista fazia menção ao diálogo entre professor e intérprete, se conversavam sobre quais atividades poderiam facilitar a aprendizagem do aluno surdo. Ela foi perguntada aos três sujeitos com elaborações diferenciadas. Os professores dizem dialogar com os intérpretes, em contrapartida, os intérpretes, em maioria, negam essa comunicação. Mas é sabido que esta interação é extremamente necessária, visto que, o intérprete é quem pode 'dizer' ao professor as dúvidas e dificuldades do aluno surdo. Quando questionado sobre esse assunto, o Professor 2 disse:

a gente conversava pra ver qual era a dificuldade da aluna. Mas parecia que a intérprete também tinha dificuldade, então tinha um abismo muito grande entre o que a intérprete conseguiria me devolver, que ele entendia ali pra passar pra aluna e a dificuldade da aluna, então assim, era bem precária. [...] Eu desconfio que na verdade a gente conversava sobre as dificuldades da intérprete, não tenho certeza se as dificuldades eram as dificuldades da aluna.

Observemos que o Professor 2, sente dificuldade em perceber até que ponto as dificuldades mencionadas pela intérprete são realmente da aluna surda. Esse é o resultado da falta de formação do intérprete em disciplinas que seus alunos surdos estudam. E mesmo que o intérprete tenha uma formação superior em alguma delas, é praticamente impossível, que ele se forme e tenha pleno conhecimento em todas. Logo, é compreensível que o próprio intérprete tenha dúvidas e dificuldades, e se erroneamente, lhe é dado o papel de educador, ele não conseguirá passar ao aluno o aprendizado adequado dos conteúdos estudados, inclusive, em química. Por isso, é extremamente necessário que o professor assuma seu papel de mediador do conhecimento e auxilie o aluno surdo em suas dúvidas e dificuldades, e se necessário, ajude o intérprete também.

Na entrevista realizada foi questionado ao professor que considerações ele destacaria em relação a seu fazer até o momento sobre o ensino que ele tem ministrado aos alunos surdos. Todos mencionaram não terem sido qualificados para tal, e que tudo que fazem em favor da aprendizagem do aluno surdo adquiriam na prática. Ressaltam também a falta de tempo e o número elevado de alunos por sala serem os responsáveis por não prepararem uma aula e até mesmo uma avaliação mais diferenciada. Já quando os intérpretes foram questionados sobre que atitudes

o professor poderia tomar para aperfeiçoar o ensino-aprendizagem do aluno surdo, o Intérprete 2, diz:

Eu acho que... primeiramente estudar né? Entender o que é o surdo, ter a curiosidade de saber o que é, o que ele necessita pra poder... como pode ser feito uma estratégia de ensino pro surdo né e dar uma pesquisada, porque tem muitos materiais concretos na internet ou até mesmo que eles podem adaptar que ficaria muito mais fácil. (Intérprete 2)

Considerando a fala deste intérprete, percebemos que ele sente falta do interesse do professor em saber mais sobre a deficiência auditiva, sobre a surdez. E comparada à resposta dada pelos professores, a desqualificação, a falta de tempo ou o número elevado de alunos por sala não deveria ser um impedimento para a busca de conhecimento a respeito das necessidades de seus alunos surdos, pesquisando estratégias, adaptando métodos para que ele tenha um ensino de qualidade.

Na atualidade, confunde-se o real papel do intérprete, muitos chegam a pensar que é ele quem tem o dever de ensinar o aluno, e isso não é verdade. O papel de ensinar todo e qualquer aluno é do professor regente, e é este quem deve buscar meios e métodos para que seus alunos aprendam. Porém, nas escolas a realidade não é essa, os professores têm deixado a cargo do intérprete aprender seu conteúdo e repassá-lo ao aluno surdo. Para Damázio

É absolutamente necessário entender que o tradutor e intérprete é apenas um mediador da comunicação e não um facilitador da aprendizagem e que esses papéis são absolutamente diferentes e precisam ser devidamente distinguidos e respeitados nas escolas de nível básico e superior. (DAMÁZIO, 2007, p.16)

A inclusão do intérprete não soluciona todas as dificuldades encontradas na comunicação e compreensão do surdo, mas viabiliza em muito seus efeitos positivos e merece que se alarguem as discussões em torno do como aperfeiçoar sua participação no ambiente escolar, objetivando sempre melhorias no processo ensino-aprendizagem do aluno surdo.

A inexistência de sinais em LIBRAS para terminologias químicas e as dificuldades de transmitir o ensino da disciplina ao aluno surdo

O aluno surdo, não consegue ouvir o que seu professor diz, na maioria das vezes, nem está olhando para o professor quando o mesmo está falando, pois, seus olhos estão atentos aos sinais que seu intérprete lhe faz, tentando traduzir as palavras do professor. Nesse momento é que surge um dos grandes desafios quanto ao ensino da química, em relação à comunicação com o surdo, pois o intérprete ao mesmo tempo em que deve traduzir a fala do professor para o aluno, ele se depara com palavras específicas de química que ainda não possuem sinais, e de imediato ele tem de substituir por algo, que a seu ver, tem o mesmo significado.

Essa falta de sinais para termos utilizados no ensino da química já foi diagnosticada por Souza e Silveira (2011), que fizeram um mapeamento do Dicionário ilustrado trilingue da Língua de Sinais Brasileira de Capovilla e Raphael (2001), quando buscavam sinais que representassem a terminologia científica em Libras. A obra citada reverencia um número bem mais elevado de sinais que abrangem o ensino da química, em comparação a outros dicionários, porém, ainda não existem sinais para palavras específicas da ciência.

Quando o intérprete não encontra de fato nenhuma palavra que possa servir na substituição de alguma palavra que ainda não tem sinal, e ele não consegue explicar, muitas vezes, por não saber o que é, ele tem de fazer a 'datilologia', ou seja, soletrar a palavra para seu aluno.

Na entrevista, quando perguntamos aos intérpretes sobre como eles fazem para traduzir palavras que não tem sinais em libras para seus alunos surdos, a resposta primeira foi que utilizam a datilologia, que é o ato de soletrar letra por letra da palavra ao aluno, em seguida, o intérprete tenta explicar o significado para ele. Esse significado o intérprete pesquisa ou pergunta ao professor regente. *“Geralmente a gente usa a datilologia e tenta explicar qual o significado daquela palavra. Porque se ela não tem sinal e se ele não conhece, eu faço a datilologia e explico o que é e aí ele passa a compreender”*. (Intérprete 1)

A datilologia não é o suficiente para que o aluno compreenda de fato, o significado das palavras, e como se tratam de palavras que são constantemente repetidas durante as aulas, outro método é o de criar um glossário, ou seja, o intérprete mostra uma imagem para o aluno, explica o seu significado e juntos inventam um sinal para a palavra. Esses sinais são algo interno, que se remete somente a este intérprete e aluno, ou seja, somente eles o compreendem. Não podemos dizer que é um sinal oficial, já que, os sinais em libras precisam ser criados somente pela comunidade surda e possuem um registro.

Normalmente eu uso muito o significado da palavra, eu já trago o significado, se eu não souber eu faço a datilologia ou anoto no caderno dele pra gente poder pesquisar o significado da palavra. Normalmente eu pergunto o professor, às vezes também depois da aula, qual é o significado daquela palavra. (Intérprete 2)

Então, eu soleiro e mostro o desenho, eu mostro o desenho e explico mais ou menos o nome, e às vezes a gente faz um glossário. Nós inventamos, criamos um sinal, a gente dá um sinal para aquela coisa. Se você perguntar então: - eu posso falar que é um sinal desse de libras? Não pode! Porque a gente inventou para que facilitasse a nossa comunicação aqui dentro, pra se fazer compreensivo. [...] a gente cria esse sinal para a gente poder se entender, toda vez que a professora falar a palavra molécula, ou toda vez que o aluno ver aquela palavra molécula ele sabe que aquele sinal vai lembrar que fui eu que criei mas isso é um glossário, não é oficial. Isso já tem muitos anos, eu aprendi com a chocolate garoto, que queria conversar com os alunos, no caso a chocolate garoto tinha esses alunos, os funcionários da Garoto estudavam dentro da Garoto, e não tinha sinais naquela época, pensa?! Uns 10, 15 anos atrás. Então o garoto fez isso, e deu tanto certo que alguns sinais criados dentro da Garoto foram criados somente por eles entendeu? Só o estado do Espírito Santo conhece esse sinal e é assim que a gente vai fazendo. (Intérprete 3).

Analisando a respostas dadas pelos intérpretes relacionados à falta de sinais, percebemos o quanto esta carência dificulta o trabalho da tradução. A datilologia atrasa muito a interpretação e, isoladamente, não é capaz de fazer compreensível a palavra ao aluno. O glossário, por exemplo, é um método mais elaborado, mais pensado e planejado, no entanto não é amplo, ele atende somente aquele aluno surdo e seu intérprete, além disso, quando o aluno troca de escola ou de intérprete o mesmo não tem mais utilidade.

Soletrar a palavra corretamente para o aluno surdo, não significa dizer que ele irá compreender o que ela significa, e se ele não entende para que serve tal ‘coisa’, ele não irá acompanhar o restante da explicação do conteúdo. Por isso, o intérprete opta por criar sinais para as palavras que ele mesmo percebe que são constantes na fala do professor. “Ainda assim, percebemos que os intérpretes criam sinais que possam traduzir tais conceitos” (SOUZA e SILVEIRA, 2011, p.42).

É preciso levar em consideração que toda essa ação do intérprete é realizada em um curto espaço de tempo, e esse tempo vai se perdendo cada vez mais, já que, o professor regente não para sua explicação, até que o intérprete tenha de fato conseguido explicar, reexplicar e tirar as dúvidas de seu aluno.

Por ter maior contato com o aluno surdo, e esse contato acaba gerando certa ‘confiança’ entre aluno e intérprete, esse profissional tem como função, não de forma coerciva, atuar como mediador, não somente entre comunicação de conteúdo, mas também das dificuldades que afligem esse aluno. Já que o professor não tem como se comunicar, resta ao intérprete lhe colocar a par das necessidades e dificuldades desse aluno.

Sabemos que os intérpretes dos alunos surdos, não são pessoas com formação específica em nenhuma das disciplinas que seu aluno estuda, logo deparamos com mais um desafio, sobretudo se considerarmos as dificuldades de compreensão quanto aos conteúdos de químicas até mesmo pelos alunos ouvintes.

O material didático de química oferecido ao professor e ao aluno é muito textual, e de difícil compreensão. Os textos são muito científicos, com poucas ilustrações que relatem de forma mais simples o que está escrito no texto. Mesmo se considerarmos que todos os alunos surdos saibam ler, o que não é a realidade de todos, ainda assim é complicado para eles lerem e interpretarem.

Vivenciando a experiência de dar aulas de química para alunos surdos do Ensino Médio de uma escola estadual, Souza e Silveira relatam que a falta de material didático apropriado para esses alunos dificulta e muito o processo ensino

aprendizagem. E mais uma vez, percebem que a falta de sinais é um agravante significativo nesse processo e argumentam:

Apesar dos textos escritos utilizados, a simbologia química foi um complicante na aprendizagem dos alunos, uma vez que a linguagem de sinais não abrange os termos específicos da química, como as fórmulas, os nomes dos elementos químicos e palavras utilizadas por essa ciência, como: densidade, átomo, volume, massa, dentre outras (SOUZA e SILVEIRA, 2008).

Logo, se faz necessário que o professor regente de sala, responsável por esta disciplina, pense, elabore e desenvolva aulas com metodologias que atenda o aluno surdo e conseqüentemente os ouvintes. Já que, o aluno surdo desenvolve mais os outros sentidos tentando minimizar a falta de audição, o professor deve utilizar desses outros sentidos como meio de ensinar seu aluno.

A visão é um dos sentidos mais apurados das pessoas surdas, eles enxergam o mundo ao seu redor de uma maneira diferente das pessoas que podem ouvir. E se o aluno não pode ouvir, mas pode enxergar, então cabe ao professor diminuir suas falas e resumi-las em algo mais visual, como pequenas frases, mapas conceituais, imagens e vídeos. Como afirma Simões et. al.

[...] um elemento imagético (uma maquete, um desenho, um mapa, um gráfico, uma fotografia, um vídeo, um pequeno trecho de filme) poderia ser um material útil à apresentação de um tema ou conteúdo pelos professores de ciências, física, química, biologia, história, geografia, matemática, inglês, entre outros. Um elemento visual que provocasse debate, que trouxesse a tona conceitos, opiniões e que pudesse ser aprofundado na direção dos objetivos pretendidos pelo professor. (SIMÕES et. al. 2011, p. 3609)

O Professor é o profissional que estudou e aprendeu como ensinar. Porém, ele não foi preparado para lidar com muitas situações, entre elas está a de se comunicar e ensinar alunos surdos. No entanto, esse processo ensino-aprendizagem é uma experiência adquirida com o tempo, e ele como mediador do conhecimento, deve assumir esta posição com propriedade e em comum acordo com o intérprete e toda a escola, desenvolver meios para priorizar a aprendizagem deste aluno.

Durante a entrevista indagamos aos professores se eles utilizavam metodologias e estratégias diferenciadas para ensinar e avaliar os alunos surdos. Em suma, todos

relatam como metodologia diferenciada a realização de práticas no laboratório. No entanto, as aulas em sala, continuam sendo expositivas e com material didático comum a todos. A respeito do ensino, o Professor 1 menciona

Não, não tem como não. A gente não tem como é... trabalhar com ele e ignorar que tem outros 40 na sala não. Então, eu não posso, por exemplo, beneficiar 'o surdo' e deixar que todos os 40 que vão ter que seguir também fiquem pra traz, tem que tratar eles como iguais, e o diferencial dele é justamente o intérprete.

É notório a redundância na fala do professor 1. Ele acredita que preparar uma aula diferenciada para o aluno surdo significa não preparar uma aula para os outros que são ouvintes. Pelo contrário, quando o professor se dispõe a elaborar uma aula para um aluno surdo, conscientemente ele sabe que a aula deverá ser mais visual, para atender a necessidade do mesmo, ou seja, ele terá de utilizar metodologias que vão além de suas extensas falas em frente ao quadro ou leitura de textos no livro didático; ele terá que utilizar algo visual, concreto. Não é possível conceber que uma aula preparada com este objetivo possa excluir qualquer aluno, surdo ou ouvinte; ou que então é um atraso e muito menos que deixá-lo de fazer é sinônimo de igualdade. Observemos a fala da intérprete 1:

[...] ele precisa de utilizar mais visuais, os professores quase não usam. Inclusive em química, a aula prática fica mais fácil pra ele. Agora o que adianta eu falar átomos, nêutrons, prótons, ele não vai entender nada. O aluno não presta atenção no professor explicando. Imagina o professor tá explicando no quadro e eu tô aqui interpretando ou ele olha pro quadro... ou ele olha pra mim. E se ele não olha pro quadro... ele não vai entender como que faz a fórmula. Então é muito complicado precisa ser uma coisa bem adaptada se não o aluno não consegue.

A fala da intérprete revela a dificuldade quanto a comunicação entre professor e aluno surdo. Não é possível ao aluno atentar-se para o professor e o intérprete ao mesmo tempo, ainda mais, se este professor somente discursa em suas aulas. Por isso, é sim imprescindível, que este professor reveja seus métodos de ensino, e de fato, elabore aulas que incluam todos seus alunos, inclusive os surdos.

Considerações finais

Este estudo se propôs analisar e refletir sobre possíveis causas e desafios quanto ao ensino da disciplina de química a alunos surdos, ligados principalmente a falta de sinais para as terminologias características da ciência química, ao despreparo do professor regente e ao desconhecimento acerca do papel do intérprete.

Os apontamentos trazidos no decorrer do trabalho não intencionaram a esgotar o assunto, mas, trazer a tônica uma discussão por muitas vezes, diante de tantas outras temáticas pontuadas em relação a inclusão, é esquecida e pouco dialogada nas pautas educacionais.

Estudiosos da educação buscavam auxiliar através de estudos, possíveis metodologias que viessem para facilitar no processo ensino aprendizagem do surdo, com isso várias propostas foram criadas, seja por meio do oralismo, bilinguismo e bimodalismo, todas com uma intenção primordial, facilitar a comunicação dos surdos e de certa forma fazer com que conseguissem falar. Entre sucessos e entraves, há de se considerar que o ensino em libras aproximou mais os surdos da sociedade e da educação.

O presente trabalho nos possibilitou ainda discorrer sobre o papel do intérprete educacional de língua de sinais esclarecendo sua relação com o aluno surdo, com o professor regente e seu real papel dentro do âmbito escolar, vimos o quão significativo é seu fazer e o quanto importante para o sucesso do aluno surdo desde a convivência no ambiente até a aprendizagem dos conteúdos propostos.

O professor por sua vez deve buscar capacitação em libras, para que tenha condições de ser um mediador do conhecimento ao aluno surdo.

Por outro lado, percebemos que de modo geral, para o professor ensinar, transmitir conhecimento, ao aluno surdo não é fácil, sobretudo se este não entende a língua de sinais e um outro agravante dessa dificuldade está na inexistência de sinais em libras para terminologias químicas.

A química, assim como as outras ciências, tem uma linguagem muito característica e para sua compreensão, se faz necessário que determinadas terminologias, que são muito específicas, sejam conhecidas e entendidas. Já que, são palavras repetidas inúmeras vezes durante a explicação dos conteúdos e palavras que irão permanecer até a conclusão do ensino médio.

Na pesquisa realizada para fundamentar este trabalho, foi perceptível a falta de sinais em Libras para química, e essa falta de sinais acarreta inúmeras dificuldades no trabalho do intérprete que incide na aprendizagem do aluno surdo. Pois mesmo utilizando as metodologias da datilologia ou o glossário há uma interferência na comunicação do aluno com o professor, já que, ele não consegue olhar para ambos ao mesmo tempo, logo a necessidade de aulas mais visuais e menos expositivas.

Analisando a proposta inicial deste trabalho que era verificar o quanto a falta de sinais em terminologias específicas no ensino da química dificultava o processo ensino-aprendizagem do aluno na disciplina, verificamos que a falta de sinais não é a única dificuldade. Além da comunicação interrompida, nos deparamos com professores que não foram qualificados para lecionar a alunos surdos e que não estão dispostos a pesquisarem sobre a deficiência e dedicarem tempo elaborando aulas e atividades que otimizem a sua aprendizagem.

Somado a esses dois agravantes, temos o intérprete, profissional capacitado para interpretar a fala ouvida do professor em libras para o aluno e vice-versa. No entanto, este profissional tem recebido erroneamente o papel de educador do aluno, e esta função não lhe cabe e o mesmo nem pode desempenhá-la, já que, cabe ao professor regente garantir o ensino deste aluno. Porém, as relações do aluno surdo com o conhecimento são mediadas pelo intérprete

Os resultados deste trabalho ainda nos mostraram que há uma omissão por parte do professor como primeiro responsável ao ensino do aluno, e uma sobrecarga para o intérprete que se vê na obrigatoriedade de dominar todo o conteúdo para garantir a aprendizagem do aluno surdo, logo, se este não tem esse domínio o aluno é

prejudicado, porém, não podemos atribuir a culpa do insucesso da aprendizagem do aluno surdo ao professor e ao intérprete, faltam-lhes, condições para garantia da qualidade no processo ensino aprendizagem, seu despreparo vem desde sua preparação/formação para lecionar até as más condições de trabalho que muitas vezes sobrecarregam seu fazer.

Referências

BRASIL. Decreto Nº 5.626. **Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098 de 19 de dezembro de 2000.** Publicada no Diário Oficial da União em 22/12/2005. <<http://www.camara.gov.br/sileg/integras/715147.pdf>> acesso em 20/11/2016.

CAPOVILLA, F.C.; RAPHAEL, W.D. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira.** Volume I: Sinais de A a L (Vol 1, pp. 1-834). São Paulo, SP: Edusp, Fapesp, Fundação Vitae, Feneis, Brasil Telecom, 2001.

CAPOVILLA, F.C.; RAPHAEL, W.D. **Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira.** Volume II: Sinais de M a Z (Vol. 2, pp. 835-1620). São Paulo, SP: Edusp, Fapesp, Fundação Vitae, Feneis, Brasil Telecom, 2001.

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Câmara de Educação Básica. Resolução CNE/CEB 2/2001. Diário Oficial da União, Brasília, 14 set. 2001. Seção IE, p. 39-40.

DAMÁZIO, Milene Ferreira Macedo. **Atendimento Educacional Especializado: Pessoa com Surdez.** Brasília: MEC, 2007.

LODI, Ana Cláudia B. [et al.] (organizadores). **Letramentos e Minorias.** 7ed. – Porto Alegre: Mediação, 2014. p.168.

SALESSE, Anna M.T. **A experimentação no ensino de química: importância das aulas práticas no processo de ensino aprendizagem.** Medianeira, 2012. p.39. <http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/4724/1/MD_EDUMTE_II_2012_21.pdf> Acesso em 03/10/2016.

SIMÕES, E. da S.; ZAVA, D. H.; SILVA, G. C. F. da. & KELMAN, C. A. **Menos do mesmo: a pedagogia visual na construção da L2.** VII Encontro da Associação Brasileira de Pesquisadores em Educação Especial. Londrina, 2011. p. 3608-3616.

SOUZA, S.F. de; SILVEIRA, H.E. **Terminologias Químicas em LIBRAS: A utilização de sinais na aprendizagem de alunos surdos.** Química nova na escola. São Paulo, 2011, vol. 33, nº 1, p. 37-46.